

Presidente do BC deixa dúvida sobre juros

ECONOMIA - BRASIL

Fábio Motta/AE

Armínio Fraga dá a entender que decisão de reduzir o juro básico ainda não foi tomada

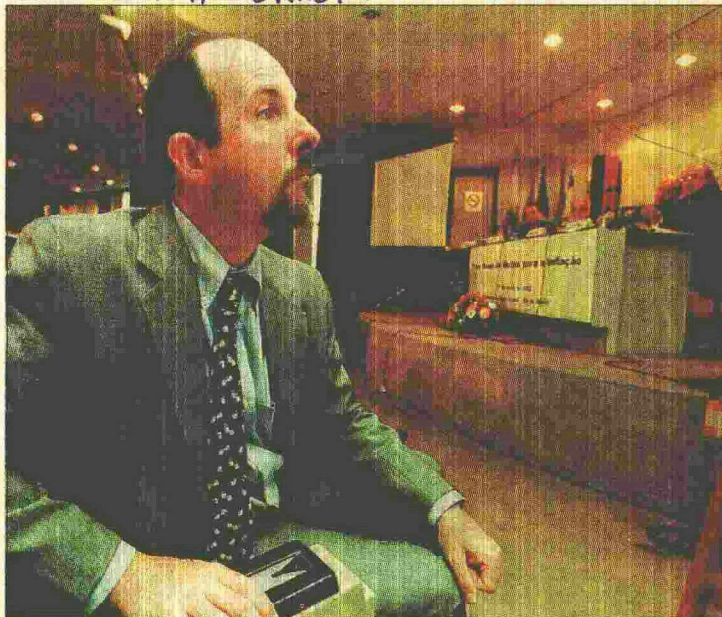
ADRIANA CHIARINI
e ANDRÉ PALHANO

RIO — O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, fez ontem declarações que inicialmente foram interpretadas pelo mercado como contrárias aos sinais de queda de juros dados recentemente pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, e pelo diretor do BC Ilan Goldfajn. Em entrevista coletiva no BC, durante seminário que marcou os três anos de meta de inflação, Fraga afirmou que a questão da demanda é um elemento a ser considerado nas decisões do banco sobre a política monetária. Mas ponderou, ao listar os fatores que devem ser considerados na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), quarta-feira, que este não é o único elemento.

“É assim que deve ser interpretado: nós olhamos todas as variáveis que impactam a trajetória futura da inflação para tomarmos nossas decisões”, afirmou, destacando que a avaliação neste sentido feita recentemente pelo diretor de Política Econômica do BC, Ilan Goldfajn, não foi muito diferente das entrevistas que ele próprio, Fraga, concedeu nos últimos dias.

Goldfajn reforçou a posição do presidente do banco. “A questão da demanda é importante, assim como outras”, disse o diretor do BC, lembrando que os dados que indicam uma desaceleração da atividade econômica em março vêm subsidiando outros indicadores anteriores neste sentido.

As declarações contribuíram para a alta do dólar. Mas as intervenções de Fraga durante o seminário seguiram um tom bastante otimista com relação ao comportamento da economia nos próximos anos. Apesar de reconhecer que, depois de um movimento inicial de rea-



Fraga durante o seminário ‘Três anos de metas para inflação’

ção, a economia começa a dar sinais de arrefecimento, ele considera factível um nível de crescimento regular, superior a 3%, nos próximos anos.

A taxa de crescimento acima de 3% ao ano foi utilizada nas projeções apresentadas pelo economista Affonso Celso Pastore, durante o seminário. “Sou otimista e acredito que qualquer candidato que ganhar as eleições vai querer ter uma solução boa para o País”, disse Fraga.

“Há uma leitura de crescimento confundido com a conjuntura dos últimos 12 meses e não faz justiça ao trabalho que foi feito”, completou. Ele salientou que 2001 foi um ano com problemas e “não é correto extrapolar o baixo crescimento dos últimos três anos, como se isso fosse uma tendência”.

Inflação — O ministro da Fazenda, Pedro Malan, defendeu ontem, pela primeira vez, um período de transição no comando do Banco Central (BC) após a posse

do novo presidente da República. Segundo ele, o presidente do BC deveria ficar no cargo por um período, que não chegou a estipular, depois da mudança de governo, para evitar problemas na manutenção das metas de inflação. “Os mandatos (dos presidentes do BC e da República) não devem ser necessariamente coincidentes. É do interesse de todos, inclusive daque-

les que acham que vão ganhar as eleições, uma transição menos turbulenta, menos ruidosa”, disse Malan.

“Existe na mente de alguns, no discurso de alguns, a idéia de que a inflação foi definitivamente ganha, independente dos rumos do próximo governo”, disse, alertando que, dependendo de como a economia for conduzida, o País poderá voltar a conviver com o fantasma da hiperinflação. “Vivemos a experiência de uma inflação de mais de 1.000%. Portanto, espero que isso ainda esteja vivo na memória de alguns.” (Colaborou Nicola Pamplona)

**‘NÓS
OLHAMOS
TODAS AS
VARIÁVEIS’**